

Adélia Maria Woellner: viagens poéticas

Marcia Munhak SPEGGIORIN¹

Resumo

Objetiva-se com esta análise investigar as representações no que concerne a imagem do trem na poesia de Adélia Maria Woellner. A composição da linguagem poética woellneriana dá suporte para a constituição de um universo imaginário em que o eu lírico volta-se ao interior de sua espiritualidade e de suas memórias. Seja em uma esfera consciente ou inconsciente, seja em uma extensão ficcional, criativa, a poesia woellneriana constitui-se em um espaço puramente imagético e simbólico. Busca-se compreender essas construções imagéticas conforme reflexões de Octavio Paz (2012), Gilbert Durand (1983, 2012) e Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1999).

Palavras-chave: Adélia Maria Woellner. Imagens poéticas. Trem.

Resumen

Se objetiva con este análisis investigar las representaciones en que concierne la imagen del tren en la poesía de Adélia Maria Woellner. La composición del lenguaje poética woellneriana da soporte para la constitución de un universo imaginario en que el yo lírico se cambia al interior de su espiritualidad y de sus memorias. Sea en una esfera consciente o inconsciente, sea en una extensión ficcional, creativa, la poesía woellneriana se constituye en un espacio plenamente imagético y simbólico. Se busca comprender esas construcciones imagéticas conforme reflexiones de Octavio Paz (2012), Gilbert Durand (1983, 2012) e Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1999).

Palabras-clave: Adélia Maria Woellner. Imágenes poéticas. Tren.

Introdução

Para Octavio Paz (2012) o que marca a condição humana é a imagem, esta é a forma imaginária daquilo que é nomeado, e assim, estabelece uma pluralidade de significados. As imagens poéticas possuem sua própria lógica, são ambíguas, mas não estão sujeitas a qualquer interpretação daquilo que elas representam, “os elementos da

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: marciaspeggiorin@hotmail.com

imagem não perdem o seu caráter concreto e singular: as pedras continuam sendo pedras, ásperas, duras, impenetráveis, amarelas de sol ou verdes de musgos: pedras pesadas. E as penas, penas: leves.” (PAZ, 2012, p. 105).

A construção poética de Adélia Maria Woellner eterniza imagens que constituem a formação do pensamento humano. Os poemas são sustentados por uma harmonia poética que converge entre o real e o imaginário. O entrelaçar da temática woellneriana reflete a inspiração e a consciência da poeta. Poetizar é ir à contramão da linearidade. É percorrer o caminho lateral da significação. É falar do mundo pelo olhar de um outro mundo, um olhar que suscita o som, o movimento, o símbolo, o encanto. De acordo com Octavio Paz, “Cada criação poética é uma unidade autossuficiente. A parte é o todo. Cada poema é único, irreduzível e inigualável.” (2012, p. 23). Cada poema, por mais que tenha a mesma temática de outro, é uno, é singular, ao mesmo tempo que plural.

A imaginação poética, de acordo com Paz (2012), prima pela compreensão da outridade. Olhar para o outro é desvendar o seu próprio eu. Observar o lugar do outro é reconhecer o espaço particular. Imaginar o mundo alheio é formar uma auto-imagem do universo interior e exterior. É ser ao mesmo tempo individual e coletivo. Do poder da imaginação emana a fantasia, a criatividade e o fantástico, essências necessárias para o retrato plural da sociedade. Cabe ao poeta, por ser célula social agente, situado em um tempo e um espaço, explorar a palavra poética e, por meio dela, revelar o homem e seu universo. Octavio Paz assevera que, “O poeta escuta o que o tempo diz, mesmo que diga: nada.” (2012, p. 290).

O poeta é uma figura temporal, e concomitantemente atemporal, que absorve a história, reconhece o passado, identifica o presente e projeta um horizonte futuro. O poeta modifica a palavra, cria imagens e sons. Instiga os sentimentos. Dessa forma, a criação poética emana também da coletividade, de acordo com Paz, “A imaginação não está no homem, ela é o espírito do lugar e do momento.” (2013, p. 52), assim, o poeta transforma o meio em poesia. Sobre esse aspecto, Durand ressalta que, “não se pode nunca discernir se é um texto que produz um contexto ou se é um contexto que produz um texto.” (1983, p. 46). Desse modo, texto e contexto são dois elementos que se entrelaçam, são indissociáveis à medida que são determinantes para uma concepção e manutenção do imaginário social.

A imagem do trem na poesia de Adélia Maria Woellner

Uma das características do imaginário na poesia de Adélia Maria Woellner é a reflexão em torno do eu interior, do voltar-se para o íntimo na busca pela compreensão do ser. Nesse sentido a palavra poética é o meio pelo qual o poeta expõe os sentimentos, tenta descobrir-se. Octavio Paz ao falar da dependência do homem em relação ao ato de poetizar, diz que, “O homem é um ser que se assombra; ao assombrar-se, poetiza, ama, diviniza.” (2012, p. 149). O sentido da composição abrange a necessidade e a experiência do poeta. O desejo de conhecer-se, de compreender a relação entre o eu e o mundo propicia a possibilidade do autoconhecimento. No poema “Viagem interior” a imagem do trem é a representação das emoções, das vivências.

Viagem Interior

Vá!

Embarque nesse trem de dentro.
Percorra todas as estações
do tempo,
varrendo, de cada uma,
a poeira e os entulhos do passado.

Vá!

Deixe o grito escapar.
Siga, mesmo resfolegando
nas subidas mais tristes,
porque é forte o sabor
de poder olhar, depois,
o difícil trajeto superado.

Vá!

Não perca seu trem.
A vida interior
ressoa seu apito,
indicando que é hora
de fazer a viagem maior
do próprio encontro.

Patine, derrape,
mas não pare.
Vá em frente:
a linha tem, sempre, um final.
Chegando lá,
acione o apito-voz,

sem rouquidão,
e sentir, e chorar, livremente,
a emoção limpa
da própria conquista.
(WOELLNER, *Sons do silêncio*, 2004, p. 26-27)

A voz lírica do poema ordena, insiste na necessidade de olhar para dentro de si, de perceber as marcas deixadas pelas experiências da vida. Nas três primeiras estrofes o verbo no imperativo produz um efeito de despertar, de encorajar, para importância de voltar na própria linha do trem interior e desfazer-se dos sentimentos e dos entulhos do trajeto. No poema transparece a dificuldade de olhar para as próprias vivências e reconhecer as marcas que precisam ser retiradas do caminho.

O trem é a imagem poética escolhida pelo eu lírico para metaforizar esse encontro com o eu interior.

O trem dos sonhos é a imagem da vida coletiva, da vida social, do destino que nos carregam. Evoca o veículo da evolução, que dificilmente tomamos, na direção certa ou errada, ou que perdemos; simboliza uma evolução psíquica, uma tomada de consciência que prepara para uma nova vida. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1999, p. 897)

No poema “Recomeço” o trem simboliza a vida, o estar na vida, as emoções e a consciência cíclica das experiências e dos momentos vividos.

Recomeço

Ceguei
à estação da vida
e embarquei
no trem que era o meu.

Vivi encontros e despedidas,
alegrias e sofrimentos.
Penetrei em cada espaço
e saboreei todos os momentos.

Agora, na última parada,
Constato que tudo se resume
no eterno
recomeçar.
(WOELLNER, *Sons do silêncio*, 2004, p. 29)

A afirmação de embarcar “no trem que era o meu” mostra a associação que o eu lírico faz para sinalizar a individualidade de cada história, mas, ao mesmo tempo, ressalta que todos os caminhos vividos não são solitários, são coletivos. Pessoas passam pela vida uma das outras a todo instante, cada uma deixa suas marcas, suas vivências. O eu lírico utiliza a imagem do trem para metaforizar a passagem da vida e a importância de perceber que todos os sentimentos, bons ou ruins, são essenciais para a formação da história de cada ser humano. O trem e as estações como símbolos da passagem da vida suscitam as vicissitudes do homem, uma vez que, por meio das imagens implicadas por esses símbolos tem-se a ideia do embarcar e desembarcar, da rotatividade de pessoas e histórias.

Durand assevera que, “Nunca a arte é considerada como uma manifestação original de uma função psicossocial, nunca a imagem ou a obra de arte é tomada no seu sentido pleno, mas sempre como mensagem da irrealidade.” (2012, p. 25). Assim, o caráter interpretativo que se pode dar à imagem do trem, ou para qualquer outro símbolo poético, advém do imaginário humano, que integra a formação das correlações que transcendem pela palavra poética.

Além de ser apresentado na poética woellneriana como elemento metafórico da evolução e das mudanças da vida, o trem surge também em seu sentido denotativo, que ao mesmo tempo, configura um elemento personificado, integrando a máquina e o ser humano.

O Trem

Lá vai o trem,
lá vem o trem,
levando tristezas,
deixando saudades...
Gigante de aço,
tem coração de criança,
carrega no ventre,
o sonho, a esperança.
Nos trilhos desliza,
no eterno vai e vem;
quase sempre define,
o destino de alguém.
(WOELLNER, *Sons do silêncio*, 2004, p. 32)

Nesse poema a imagem da vida coletiva e social é evocada pelo trem, não como metáfora e evolução da vida humana, mas como veículo que materializa as idas e vindas das pessoas. A sensibilidade poética de Adélia Maria Woellner é transferida para o leitor por meio de uma composição entre o real e o imaginário. A simplicidade e a profundidade dos sentidos provocados pelos versos deixam transparecer a perfeita alquimia entre o verbo e as imagens criadas. A imagem do trem no seu caráter real, de veículo, suscita a liberdade de cada um em direcionar a vida pelos caminhos que deseja. A imagem, em seu aspecto imaginário, acarreta os sentidos que esse símbolo provoca, transporta os sonhos e a esperança que um novo destino desperta no coração dos que buscam outro horizonte, um novo caminho. Ao dizer que os trilhos quase sempre definem o destino de alguém, o eu lírico efetiva a transitoriedade do homem e suas emoções.

Na poesia de Adélia Maria Woellner é possível constatar uma composição que transcende o termo denotativo e vale-se da referencialidade mítica para explorar as significações possíveis.

TREM DE FOGO

Imagem arquetipal,
esse imenso trem
repete
o deslizar em curvas
do mitológico dragão.

Fogo e fumaça
transformam o vazio
em espaços
prenhes de magia...
(WOELLNER, *Infinito em mim*, 1997, p. 107)

A palavra dragão é usada para definir grandes serpentes. A estrutura de um trem de ferro alude à imagem de criaturas que rastejam, que deslizam e são flexíveis. No primeiro verso do poema a referência ao arquétipo, à imagem primordial da figura do dragão é associada à imagem do trem, que traça o percurso dos trilhos em uma referência ao movimento do corpo do dragão. A figura do dragão, assim como a do trem, suscita a ideia de grandiosidade. São imponentes, despertam a imaginação e

trazem arraigados às suas imagens a ambivalência de poder que esses símbolos desencadeiam.

O título do poema sugere a figura do trem que adquire uma conotação associativa entre o trem de ferro e o trem de fogo, a alusão feita simbolizada pelas características em comum de grandiosidade, tem como elemento nivelador o fogo e a fumaça, despertam no imaginário do homem concepções que promovem a convergência de sentimentos que essas imagens criam. Mito e magia são a essência dessa construção poética que atua no imaginário do homem em uma analogia entre a representação do trem e as criações imaginárias possíveis a partir da imagem primeira, do trem de ferro. Para Octavio Paz,

Imaginação e razão, que na origem são a mesma coisa, terminam por fundir-se numa evidência que é indizível exceto por meio de uma representação simbólica: o mito. Em suma, a imaginação é, primordialmente, um órgão de conhecimento, já que é a condição necessária de toda percepção; e além disso, é uma faculdade que expressa, mediante mitos e símbolos, o saber mais elevado. (PAZ, 2012, p. 240)

A imagem do trem, além das menções metafóricas em relação à vida e a referência mítica, é apresentada na obra woellneriana como figura de extensão do homem e do seu trabalho, como símbolo de cumplicidade e amor.

HOMENAGEM

As lágrimas, teimosamente,
qual vapor incontido,
fizeram-se reveladas,
no olhar nostálgico
do velho maquinista.

Sem camuflar a emoção,
alisou o metal
da “Maria-Fumaça”,
como se afagasse a mão de um filho,
em dia de reencontro.

Deixou o sentimento fluir,
até o exaurimento.

Mergulhou na dor do prazer
de ver, ressuscitado,

seu passado
de tantos esforços
e muitas alegrias.

Tirou o boné,
em gesto instintivo
de respeito.

Estava realizado.

Olhou a máquina,
gulosamente,
em mais uma despedida.
(WOELLNER, *Averso meu*, 1990, p. 38)

O poema faz referência à capacidade que a poesia tem em encantar pela simplicidade, por temáticas relativamente singelas, pelas poucas palavras que tem o poder de desvelar universos escondidos quando os primeiros versos soam aos lábios do leitor. O eu lírico transparece o sentimento de amor vivido entre o homem e a máquina, as histórias compartilhadas e a convivência diária estabelece uma relação conivente entre os dois. A emoção do velho maquinista ao rever o trem, o carinho ao acariciar o metal, as lembranças do passado e o respeito suscitam a ideia de extensão de um para o outro. A forma como o eu lírico descreve esse reencontro é puro, é marcado por expressões simples, por um momento nostálgico.

Octavio Paz ressalta que, “No momento da criação, aflora à consciência a parte mais secreta de nós mesmos. A criação consiste em trazer à luz certas palavras inesperadas ao nosso ser.” (2012, p. 53). A poética woellneriana possibilita ao leitor esse instante de auto redescoberta, uma vez que, as temáticas apresentadas fazem parte do universo imaginário social. A poeticidade e as vozes que estruturam os poemas são, a exposição do inconsciente da poeta, e ao mesmo tempo do leitor, que emerge por meio da palavra poética. Dessa forma, o poema é o fio condutor que revela a memória, os acontecimentos vividos, as experiências, ou os devaneios.

Considerações finais

A poesia é a linguagem da alma, é a revelação da condição original do homem. Ela nasce no silêncio, está submersa, conforme explica Paz (2012) recria a

experiência do real, "nos faz lembrar o que esquecemos: o que somos realmente." (PAZ, 2012, p. 115). A criação poética de Adélia Maria Woellner é repleta de sentidos, sensações e valores humanos, relacionados ao universo onírico e imaginário.

Sonho, poesia, imaginação, são princípios recorrentes na poética de Adélia Maria Woellner. Seus versos transcendem o tempo e o espaço, expressam a voz da sociedade e revelam a essência do sentimento humano. Na obra woellneriana, as imagens poéticas ocorrem entrelaçadas no universo imaginário, traduzem imaginação, originalidade, sensibilidade e um olhar atento ao homem e seu universo. Cada poema traz uma visão que transcende a realidade, revela o consciente e o inconsciente do indivíduo social.

Adélia Maria Woellner desvela por meio da magia dos versos, sentidos e sensações que provocam o leitor, desestabilizam-no e aguçam a imaginação. Os poemas woellnerianos pertencem ao plano do fantástico, do mítico, do imaginário e do poético, assim, os versos exprimem a capacidade de criação da poeta em uma combinação de sentidos e arte literária.

Nesse sentido, observa-se que a imagem é um dos elementos denotativos à essência da construção poética, imagens que são transcritas pelas palavras. A constituição dessas imagens que se formam através da linguagem poética transporta o leitor a um outro estado de espírito, que prima pelo poético, pelo devaneio e pelo onírico. Um novo mundo configura-se por meio do imaginário.

Referências

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Tradução Vera da Costa e Silva (et al). 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução Hélder Godinho. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WOELLNER, Adélia Maria. **Sons do silêncio**. Curitiba: Torre de Papel, 2004.

_____. **Infinito em mim**. Curitiba: Reproset, 1997.

_____. **Avesso meu**. Joinville: Ipê, 1990.